



GT 011. Antropologia da Moral e da Ética

Carlos Eduardo Valente Dullo (UFRGS) -
 Coordenador/a, Roberta Bivar Carneiro Campos
 (Universidade Federal de Pernambuco) -
 Coordenador/a

A Antropologia se desenvolveu debatendo as regras e normas sociais, os processos de julgamento e atribuição de responsabilidade, as formas de sanção e punição, as prescrições e proibições, bem como os efeitos sociais das transgressões. A problemática da moralidade não é, portanto, estranha para a nossa disciplina. Entretanto, não se constituiu, até recentemente, um campo de pesquisa como o da Moral e da Ética. Tendo início com o debate sobre a tensão entre o universalismo moral e o relativismo das moralidades locais, passando pela redefinição dos conceitos de moral e ética sob a ética específica da Antropologia, esta agenda teórico-metodológica volta-se principalmente para uma preocupação com novos recortes empíricos como as figuras exemplares, as conceituações de liberdade e responsabilidade, as práticas de cuidado (care), os processos de recuperação após momentos críticos, as respostas sociais a tragédias, entre tantos outros recortes que observem seja o evento ordinário seja o extraordinário momento de quebra ou (re)instituição da moral - bem como as maneiras pelas quais os processos de mudança e de conservação se atualizam. Seguindo, portanto, a proposta de Laidlaw, Fassin, Robbins, Keane e Das (entre outros) uma antropologia que se volte para estes fenômenos compor, necessariamente, uma chave analítica transversal às mais diversas temáticas: religião, política, economia, família e parentesco, saúde e bem-estar, natureza e animais, direito, gênero e sexualidade etc.

O mal e os amores difíceis: efeitos da condenação por estupro de vulnerável em tecidos relacionais densos.

Autoria: Everton Rangel Amorim

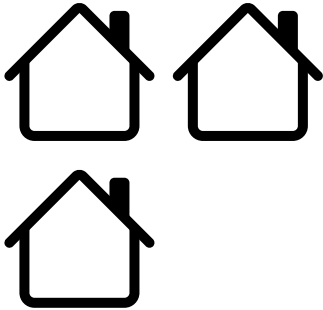
Neste artigo, resultado de uma etnografia que tem como interlocutores homens condenados por terem cometido estupro de vulnerável e pessoas a eles vinculadas afetivamente, descreverei os efeitos das sentenças condenatórias em tecidos relacionais densos, dando especial atenção ao problema do mal, causador de sofrimento, e às formas de engajamento com o outro que perpassam, sobretudo, mas não exclusivamente, a prática do amor. O work, a um só tempo afetivo, burocrático, moral e narrativo, ao qual os meus interlocutores se devotam sugere a necessidade de produção de relações em que os sentenciados possam habitar como homens injustiçados, vinculados a pessoas que os amam em atos e junto a eles combatem a substância do mal. A minha aposta mais abrangente é a de que devemos entender esse work como um atividade relacional de cunho ético. Busco, ao fim e ao cabo, descortinar uma série de nexos entre emoções, moralidade, Estado e gênero. Para compreender a injustiça narrada, inspiro-me na proposição de Austin (1962): a linguagem não é meramente referencial, simples constatação discursiva do mundo. Ao contrário, os enunciados operam como atos, pois produzem as relações, que, alegadamente, apenas designam. Embora saiba que a injustiça, assim como toda narrativa, estabiliza-se através de sinuosidades, acentuarei o quadro estabilizado de relações que os homens sentenciados e as pessoas afetivamente vinculadas a eles buscavam fomentar com frequência notável porque busco responder as seguintes perguntas: o que é habitar em tecidos relacionais afetados pela acusação, vivida como falsa, porém transformada em verdade jurídica? Quais gestos éticos a estabilização de relações, centrada na maldade inscrita no passado, suscita no presente? Qual a relação entre o Estado e o mal? Como amores fazem, dia após dia, a injustiça? A sentença condenatória é um evento crítico? (Das, 2007) na vida dos meus interlocutores, afinal, ela produz não somente uma quebra temporal (um antes e um depois do processo?), como também pessoas morais distintas. Pablo, Carlos e Altair, dada a dimensão monstruosa do crime que



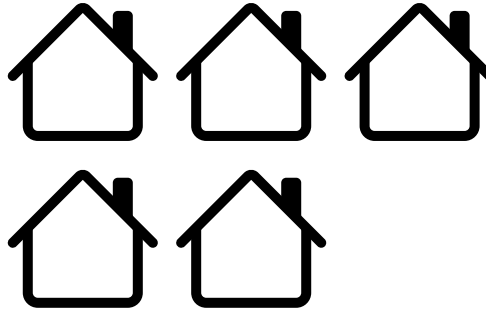
empreendedores morais e a Justiça afirmam que eles cometeram, não mais podem ser os homens que eram antes do ?processo?. Ao voltar-me à vida afetada pelo mal e cuidada por intermédio de gestos de amor, como os de Roberta e Helena, distancio-me dos estudos que, na antropologia, analisam o discurso de homens ?sentenciados? por ?estupro? em aproximação aos escritos da psicanálise (Machado, 1999; Segato, 2003). Faço esse movimento na esperança de retirar rendimentos analíticos dos tecidos relacionais que os meus interlocutores estabilizavam em narrativas congeladas sobre o passado, bem como dos tecidos relacionais nos quais eles habitavam durante a pesquisa.



Realização:



Apoio:



Organização:

